

Demonstração de apego em crianças institucionalizadas entre 3 e 8 anos

DOI: 10.5935/1984-9044.20220008

Lívia Roberta da Silva¹, Amanda Castro², Amanda Saraiva da Silva³

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo compreender como se dá o apego em crianças institucionalizadas. Para isso, foi realizado um estudo qualitativo, descritivo e exploratório com crianças em uma instituição de acolhimento. Como método foram utilizados a contação de histórias e a criação do álbum de sua própria história em primeira pessoa, submetidos à análise de conteúdo. Os resultados possibilitaram compreender que a figura de apego representada pelos familiares antes do acolhimento hoje é diluída dentre os diversos papéis de afeto e cuidado presentes na vida das crianças. Os instrumentos utilizados possibilitaram às crianças um reconhecimento de si mesmas, empoderamento de suas próprias histórias, fortalecimento e criação de vínculos com o outro, indicando o método como uma medida eficaz de cuidado com a saúde mental e relacional das crianças em situação de acolhimento.

PALAVRAS-CHAVE: acolhimento; crianças; contação de histórias; apego.

Demonstration of affection in institutionalized children between 3 and 8 years old

Abstract: This research aims to understand how attachment occurs in institutionalized children. For this, a qualitative, descriptive and exploratory study was carried out with children in a host institution. As a method, storytelling and the creation of the album of his own first-person story were used, submitted to content analysis. The results made it possible to understand that the attachment figure represented by the family members before the reception today is diluted among the different roles of affection and care present in the children's lives. The instruments used made it possible for children to recognize them-

¹Universidade Estácio de Sá

²Doutora em Psicologia (UFSC), Especialista em Desenvolvimento (UNIARA). Psicodramatista Didata Supervisora (Viver Psicologia Psicodrama). Professora de Psicologia (UNESC/ESTÁCIO).

³Especializada em Psicodrama Clínico e Socioeducacional (Viver Psicologia Psicodrama). Psicóloga (UNIVALI).

selves, empower their own stories, strengthen and create bonds with others, indicating the method as an effective measure of care for the mental and relational health of children in reception situation.

KEY WORDS: child foster; children; storytelling; attachment.

Introdução

Segundo o Ministério de Desenvolvimento Social (2015), o acolhimento institucional é um acolhimento temporário para crianças e adolescentes de ambos os sexos em situação de risco social e de abandono, cujas famílias ou responsáveis estejam impossibilitados de cuidar e proteger. Atualmente temos 47.435 crianças e adolescentes em situação de acolhimento no Brasil. Desse total, 1.777 estão no Estado de Santa Catarina (Conselho Nacional de Justiça [CNJ], 2019). De acordo com o Cadastro Nacional de Adoção, existem 5.500 crianças e adolescentes habilitados à adoção. Em contrapartida, mais de 30 mil famílias estão no cadastro de

pretendentes para adotá-los (CNJ, 2019).

De acordo com a inspeção feita pelo Conselho Nacional do Ministério Público nas unidades de acolhimentos institucionais do Brasil, a principal causa do acolhimento de crianças é a negligência, representando 84% do total. A segunda causa mais comum é a dependência de álcool ou drogas desses pais ou responsáveis (81% do total), seguida por abandono (76%), violência doméstica (62%), violência sexual (47%), habitantes de rua (39%) e transtorno mental (37%). (Conselho Nacional do Ministério Público [CNMP], 2011).

Segundo Rizzini (1997), quando se trata de uma criança instituci-



onalizada, nota-se que, mesmo com todos os cuidados higiênicos, alimentares e médicos, essa criança demora mais para caminhar e falar, ela também enfrenta dificuldades para estabelecer relações significativas. A autora diz que abandonar uma criança e enviá-la para um acolhimento é o mesmo que privá-la de ter uma família na qual exista cumplicidade e intimidade. Isso ocorre, pois essa relação não é possível dentro de um abrigo, uma vez que há um grande número de crianças para a proporção de adultos, de modo que esse afeto recebido pelos cuidadores precisa ser dividido.

O psicólogo britânico John Bowlby (2004), foi o primeiro a descrever o apego como uma forte conexão psicológica entre os seres humanos. Ele define apego como um vínculo emocional profundo e duradouro que conecta uma pessoa a outra através do tempo e do espaço, produto de processos

evolutivos humanos. Bowlby dizia que as crianças nascem com uma tendência inata de estabelecer vínculos com os cuidadores, sendo ele uma forma de aumentar suas chances de sobrevivência. Os cuidadores primários estão disponíveis e respondem às necessidades de um bebê, assim a criança sabe que o cuidador é confiável e lhe traz segurança, o que cria uma base segura para que possa explorar o mundo. A presença de um sistema de controle de dependência e sua conexão com modelos de funcionamento interno e figuras de apego são características centrais do funcionamento da personalidade, visto que o modelo de vínculo criado no começo da vida do bebê não desaparece, mas continua com o sujeito.

Para Silva e Neto (2012), o vínculo criado entre o cuidador e a criança atua como um meio de sobrevivência e manutenção para o seu desenvolvimento saudável. Essa aproximação atua como uma



busca por apoio e segurança, proporcionando uma capacidade funcional na construção da personalidade da criança. Conforme Ferreira, Francischini e Patiño (2008), em um acolhimento institucional em regime de abrigo é importante assegurar a manutenção dos vínculos familiares e a integração em família substituta quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem.

Segundo Ainsworth (1982) fatos traumáticos na construção da infância, como perdas precoces ou a ida para um abrigo, poderão afetar o padrão de apego estabelecido pela criança até então. Nesse sentido, é importante pesquisar como ocorre o processo de apego em crianças que vivenciam o acolhimento. Parreira e Justo (2005) ressaltam a dificuldade na criação de vínculos dentro das instituições de acolhimento, chamando a atenção para o caráter temporário do acolhimento institucional. Para os autores,

estar em situação de acolhimento institucional significa, muitas vezes, lidar com as facetas do abandono e da falta de referenciais.

A discussão sobre as características do apego entre crianças institucionalizadas torna-se relevante tendo em vista a escassa fonte de dados e artigos que abordam especificamente o tema. Usando as palavras-chave “crianças institucionalizadas” e “apego” no banco de dados BVS Psicologia Brasil, foram encontrados 11 artigos, dos quais nenhum faz referência direta à temática proposta. Desse modo, a reflexão acerca de como se constrói o apego em crianças institucionalizadas se mostra de extrema importância e nos leva a realizar um trabalho de pesquisa que busque compreender como ocorre o apego para crianças institucionalizadas.

Instituições de acolhimento



O Brasil tem sofrido diversas modificações relacionadas à sua política de atendimento a crianças e adolescentes em situação de abandono ou negligência. Funcionava inicialmente sob o domínio de igrejas, em seguida através de instituições não governamentais, até se tornar uma responsabilidade do Estado (Rizzini; & Baptista, 2007). Antes da criação do Estatuto da criança e do adolescente em 1990, os locais existentes para o acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade eram os orfanatos (BRASIL, 1990).

As primeiras instituições no Brasil ficavam distantes das comunidades, os menores não conviviam na sociedade e todas as suas supostas necessidades eram contempladas dentro do local (Baptista, 2006). Com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, os cuidados pouco individualizados e feitos com base em um assisten-

cialismo começaram a sofrer transformações, de maneira que essas crianças e adolescentes se transformaram em sujeitos com proteção e direitos. Por meio do ECA, a institucionalização se tornou o último recurso na proteção dos direitos a menores. Assim, quando são observadas falhas no cuidado e proteção, faz-se uso das redes socioassistenciais para dar suporte às famílias, assegurando condições adequadas ao desenvolvimento dos menores (Janczura, 2008).

De acordo com Rizzini e Baptista (2007), o acolhimento institucional deve ter caráter excepcional e transitório, atuando como medida de proteção. Toda a criança ou adolescente que esteja em uma instituição de acolhimento deve frequentar a escola. Para ela também precisam ser proporcionados momentos de lazer, cultura e esporte. A equipe do acolhimento deve trabalhar as possibilidades de desinstitucionalização com esse



menor, como a reaproximação familiar ou a ida a uma família substituta, promovendo também o fortalecimento dessa criança ou adolescente com a comunidade.

Segundo a Lei 12.010/09, que modificou o art. 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente, uma criança ou adolescente não deve permanecer em uma instituição de acolhimento por mais de 2 anos (BRASIL, 2009). De acordo com pesquisas feitas pelo Conselho Nacional do Ministério Público (2011), existem mais de 40 mil crianças e adolescentes em situação de acolhimento, sendo a maior parte meninos entre 6 e 11 anos. Entretanto, a pesquisa indica que 35% dessas crianças fica mais do que o tempo máximo estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, correspondendo assim a mais de 10 mil crianças e adolescentes nessa situação.

O Estatuto da Criança e do Adolescente pode ser considerado uma verdadeira inovação no atendimento, pois reconhece as crianças e os adolescentes como seres possíveis de proteção por serem sujeitos em desenvolvimento com prioridades, sem levar em conta a sua classe social. Logo, o principal objetivo do ECA é resguardar e fazer valer os direitos fundamentais das crianças e adolescentes, para que cresçam e sejam educados no aconchego familiar de uma comunidade, tendo como alicerce a prevenção do rompimento dos vínculos familiares. Além disso, o ECA também busca oferecer serviços qualificados no atendimento de acolhimento e empenho para o regresso ao convívio da criança ou adolescente com uma família, seja de origem ou substituta (Silmões, 2009).

Bernardi (2012) ressalta que a dinâmica de uma instituição é totalmente diferente de uma di-



nâmica desenvolvida dentro de um núcleo familiar constituído, pois em uma instituição, existe uma grande rotatividade de pessoas e a mudança de turno de cuidadores, o que dificulta a criação de uma figura de referência para a criança acolhida.

Vínculo e apego no desenvolvimento infantil

Bowlby (2004) argumenta que os primeiros estágios do desenvolvimento emocional estão cheios de conflitos e desintegração de potenciais, o relacionamento com a realidade externa ainda não está firmemente enraizado, a personalidade ainda não está totalmente integrada, a criança não é capaz de administrar suas emoções e instintos (Bowlby, 2004). Winnicott (1996), afirma que devem ser cumpridas determinadas condições externas para que a criança possa atingir seu potencial de maturidade. O desenvolvimento saudável emocional

dessa criança depende da existência de um ambiente favorável.

Ainsworth definiu o vínculo como o laço emocional que uma pessoa estabelece entre ela e uma figura específica, o que Bowlby chamou de figura de ligação. É através desse vínculo emocional que duas pessoas tendem a permanecer em proximidade mútua através de comportamentos de vínculo. Toda conduta implica em um vínculo, toda ação no mundo externo é uma relação com um sujeito ou com um objeto (Ainsworth, 1989; Bowlby, 2006).

Bowlby (2006), afirmou que o vínculo que une a criança à mãe é o produto da atividade de uma série de sistemas de comportamentos na interação com o ambiente em que o bebê se encontra, através de um processo complexo, lento e diferente em cada um deles. Se houver a oportunidade de fazê-lo, o bebê procurará estabelecer um vínculo de afeto com



uma figura, mesmo quando há várias pessoas que cuidam dele, assim, a proximidade com a mãe é uma consequência previsível.

Para Bowlby (2006), o fato de a criança estar interessada em uma determinada figura, especialmente a mãe, com quem ela cria um vínculo de afeto, ocorre porque essa pessoa satisfaz suas necessidades fisiológicas, em especial de alimento, sendo sua fonte de sua gratificação. Assim, essa experiência permitirá que a criança desenvolva a necessidade da companhia de outras pessoas. A partir da teoria do apego, a alimentação e o ato de alimentar vão para segundo plano, porque o que prevalece é a aproximação e a interação entre a mãe e o filho, considerando que a criança busca a aproximação com a pessoa mais próxima, sendo essa uma característica própria do ser humano.

O apego é uma variável do afeto, o indivíduo necessita da presença

do outro para se sentir seguro, de modo que a partir dessa relação de segurança ele consegue se relacionar com os outros, ficando clara a importância do vínculo afetivo para o desenvolvimento emocional e psíquico do sujeito (Bee, 1997). A formação do vínculo afetivo entre o cuidador e a criança atua positivamente para o desenvolvimento da mesma. Essa aproximação afetiva opera como busca por proteção e suporte, o que proporcionará a construção de uma personalidade saudável na criança. A maneira como essa criança é tratada na infância influencia na capacidade de vinculação que ela terá com o outro ao longo da vida (Silva & Neto, 2012).

O conjunto de sistemas de condutas relacionadas ao apego se desenvolve na criança e evolui de uma maneira estável se a criança for criada em um ambiente familiar. Dessa forma, a principal maneira de evitar o impacto causado pela falta de carinho materno, é



que a criança cresça em sua própria casa (Bowlby, 1982). Nesse sentido, em 1945, Spitz conduziu investigações com crianças de até doze meses criadas em instituições. Suas observações o levaram a determinar que crianças que sofreram privação materna por mais de cinco meses podem chegar a experimentar altos graus de angústia e risco de desenvolver alguma psicopatologia (Spitz, 1992).

Vínculo e apego em instituições de acolhimento

Ao falar de instituições devemos levar em conta que existem algumas características que são próprias de uma instituição: cuidadores diferentes encarregados de várias crianças ao mesmo tempo, rotatividade de pessoal por turnos, cuidadores sem grande comprometimento emocional, além do ingresso e egresso constante de outras crianças. Isso faz com que esses ambientes sejam

inapropriados para o crescimento de crianças tão pequenas, dado que o funcionamento dentro de uma instituição não permite condições ambientais e vínculos necessários para um normal desenvolvimento biopsicossocial e cultural dessas crianças (Sanchez Brizuela, 2013). Crescer em uma instituição não proporciona à criança um ambiente emocional saudável. A institucionalização causa danos em relação aos vínculos afetivos e isso poderá provocar danos no processo de subjetivação dessa criança (Bowlby, 2002).

Através de pesquisas realizadas, Dörr e Banz (2010) concluiram que quanto maior a rotação de funcionários nas casas de acolhimento, mais sentimento de frustração e perda ocorrem nessas crianças, sendo praticamente impossível estabelecer relações afetivas estáveis e duradouras. Além disso, depois de passar um tempo em uma instituição as



crianças podem perder as habilidades básicas que possuíam ao entrar, como cuidar de si mesmos e criar relacionamentos afetuosos.

Para López e Palummo (2013) a institucionalização prolongada e precoce tem efeitos prejudiciais à saúde e ao desenvolvimento físico e cognitivo da criança, que podem se tornar irreversíveis. A cada três meses em que uma criança mora em uma instituição ela perde um mês de desenvolvimento. De acordo com estudos realizados por Zeanah, Smyke, Koga e Carlson (2007), crianças que vivem em instituições tiveram um relacionamento desorganizado e traumático com seus pais ou responsáveis. As causas podem variar entre abuso de substâncias, problemas mentais, falta de recursos e até mesmo orientação educacional, gerando maus tratos aos filhos. Boa parte dessas crianças também possui atrasos no

desenvolvimento e problemas no comportamento.

Dozier, Stovall, Albus e Bates (2001) apontam as diferentes características comportamentais e psicológicas dos cuidadores substitutos que influenciam na formação de um vínculo emocional com crianças em instituições. Dentre elas: o estado da mente, ou o que sentem e pensam os adultos sobre as suas próprias vivências vinculares; o compromisso do cuidador com a criança, que se refere aos padrões de comportamento, como estar atento às demandas da criança, demonstrar afeto e se preocupar com o que acontece com ela; por fim, a sensibilidade para educar, sendo essa a eficácia do cuidador para atender às demandas da criança, as quais necessitam de percepção e interpretação adequada dos sinais dados por elas. às demandas da criança, identificar e resolver as necessidades dela, incluindo a capacidade de perceber seus si-



nais e interpretá-los adequadamente.

Problema de pesquisa e objetivos

Com base nos fundamentos teóricos encontrados até aqui, levanta-se como problema de pesquisa a seguinte questão: Como ocorre o processo de apego de crianças que vivenciam o acolhimento?

Partindo deste problema, hipotetiza-se que a ausência da figura referência de afeto faz com que a criança institucionalizada transfira a sua afetividade a diferentes pessoas. Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como se dá o fenômeno do apego nas crianças institucionalizadas de um projeto de acolhimento de menores em situação de abandono ou risco. Para isso, são objeti-

vos específicos: identificar as formas de vinculação das crianças que estão no projeto de acolhimento com seus cuidadores; apontar a importância do acompanhamento psicológico com crianças institucionalizadas e descrever modelos de apegos saudáveis.

Metodologia

Trata-se de um estudo de caso com delineamento exploratório. O estudo de caso é um tipo de investigação social que se caracteriza pela investigação empírica dos problemas de estudo em seus próprios contextos naturais, os quais são abordados simultaneamente através de múltiplos procedimentos metodológicos (Hartley, 1994). Uma pesquisa exploratória é aquela realizada para conhecer o contexto sobre um assunto que é objeto de estudo, a fim de encontrar todas as evidências relacionadas ao fenô-



meno de que não há conhecimento e aumentar a possibilidade de realizar uma investigação completa (Prodanov & Freitas, 2013). Dessa forma, esse tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, para que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores (Gil, 1999).

A pesquisa foi realizada através de estudo qualitativo, descriptivo e exploratório, tendo como público 5 crianças entre 3 e 8 anos acolhidas em uma instituição de acolhimento de menores em situação de abandono ou risco. Não participaram do estudo apenas as crianças que foram desacolhidas antes do término desta pesquisa ou cuja idade é diferente do público-alvo da pesquisa.

Como instrumentos, foram utilizados a contação de histórias e a construção de um álbum. Através

da contação de histórias foram oferecidos recursos às crianças para que pudessem elaborar as suas vivências. Em seguida foi incentivada a construção de um álbum sobre a história de vida de cada uma delas, contendo relatos, fotos, depoimentos e desenhos que fazem parte da vida de cada uma. Tais instrumentos foram mediados pelo programa “Fazendo minha história”.

O Programa Fazendo Minha História foi possível a partir do Instituto Fazendo História, uma organização não governamental fundada no ano de 2005, em São Paulo, que tem como missão colaborar com o desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional, ajudando-os a se apropriarem de sua própria história para que possam transformá-la. Isso é possível através da contação de histórias e elaboração do álbum de vida. A ONG parte de um pressuposto legal garantido pelo ECA



de que as crianças têm o direito de conhecer, compreender e opinar sobre suas histórias de vida, incluindo o período do acolhimento. (Instituto Fazendo História, 2016).

Foram realizados 08 encontros semanais ao longo de 02 meses. No primeiro momento foi realizada a contação de histórias com livros escolhidos pelas crianças da instituição. No segundo momento elas puderam identificar elementos de sua própria história de vida presentes na história contadas. A partir disso, foi apresentado um álbum para que cada criança pudesse fazer a construção de sua própria história. Após a construção deste álbum as crianças tiveram a oportunidade de contar suas próprias histórias umas às outras.

O uso de tais instrumentos permitiu avaliar a forma como se dá a escuta das crianças, os tipos de vínculo construídos, sua entrada

nas instituições, percepção acerca dos cuidados em geral, educação, afetividade, as possibilidades de crescimento em sua vida pessoal e visão do futuro. O material obtido foi colocado sob análise de conteúdo. Segundo Bardin (2009), a análise de conteúdo é um método empírico que analisa o conjunto de todas as informações a fim de descrever o conteúdo analisado com base no tipo de fala e interpretação que se pretende com ela.

Quanto aos riscos, para evitar problemas relativos ao sigilo, as crianças foram identificadas por nomes fictícios, pois foram retiradas do poder familiar devido algum tipo de negligência ou violência. Quando as crianças se emocionavam, elas eram acompanhadas para acolhimento à psicóloga da instituição ou para a clínica de psicologia da faculdade Estácio de Sá. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário



Estácio de Sá de Santa Catarina,
sob parecer nº 4.080.927.

Resultados

Segundo Bettelheim (2004), para que uma história prenda a atenção da criança, ela precisa divertir-la e despertar sua curiosidade. Entretanto, para enriquecer sua vida, deve-se estimular sua imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e esclarecer suas emoções, fazê-la reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que lhe inquietam. Segundo México (1993), a leitura permite que a criança crie e recrie uma história. As histórias permitem que a criança se identifique com um personagem que vive algo igual ou semelhante a ela, ou o que ela gostaria de viver. Dessa maneira, seu mundo interior e suas possibilidades criativas são enriquecidas, seus momentos sombrios se

iluminam, a luta dos personagens o prepara para sua própria luta diária.

Nesse sentido, no primeiro encontro foi lido o livro “A arca de ninguém”, de Mariana Caltabiano e Patrícia Lima, que conta a história de um homem que construiu uma arca para salvar os animais de uma grande enchente, mas teve problemas para convencê-los a entrar. Assim, a ideia era falar sobre convivência com as diferenças, visto que o acolhimento é um local onde se vive a coletividade o tempo todo. No entanto, a história nesse dia tomou um rumo diferente, as crianças compararam a leitura com uma conhecida história bíblica e passaram a falar sobre suas próprias vidas, já que eles associaram os casais de animais a filhos e famílias.

Esse fato, dentre outros, deixa claro que a família é uma grande carência e ao mesmo tempo um



grande desejo de cada um deles. Nesse sentido, durante a discussão sobre a história contada, “S” pergunta à sua irmã “I” o porquê de seu pai e seu avô serem a mesma pessoa, “T” diz não saber exatamente quem é o seu pai e que seu desejo na verdade é que sua mãe consiga se recuperar na clínica onde está internada e não volte a usar drogas. Já “J” chega de um final de semana com a família a qualestava fazendo aproximação para uma futura adoção. Ele relata ter sofrido abandono da mãe e não ter pai, mas já teria uma nova família que o permitiu chamá-los da forma que quisesse. Assim, radiante, “J” escolheu chamá-los de pai e mãe.

Os relatos dessas crianças evindenciam a presença da separação de suas famílias originárias e das pessoas de referência de seu apego. Apesar de os cuidadores da instituição estarem presentes no álbum das crianças, também não surgiram substitutos à figura de

maior apego trazida por cada uma das crianças como referência antes do acolhimento. Pôde-se perceber também a necessidade da escuta dessas crianças, tão pequenas, mas com uma vivência tão grande. A história contada permitiu às crianças que identificassem um pouco de si mesmas, tendo no espaço da discussão o acolhimento e escuta necessários para expor dúvidas e pensamentos a respeito de sua própria história.

Segundo Bettelheim (2004), a criança precisa ter a oportunidade de entender a si mesma neste mundo complexo com o qual ele precisa aprender a lidar, justamente porque sua vida muitas vezes o confunde. Para que isso seja possível, deve-se ajudar a criança a extrair um sentido coerente na multidão de sentimentos que existem dentro dela. Dessa forma, em um dos encontros realizados houve a contação de história do livro “A menina e seus



pontinhos”, de Silmara Casadei. O livro conta a história de uma menina que sempre que olhava para o seu coração enxergava vários pontinhos que ela não conseguia entender, esses pontinhos a deixava às vezes triste, às vezes alegra e, em um certo momento, ela encontra um amigo que a ajuda a entender o que significavam esses pontinhos em seu coração.

Ao final da leitura desse livro “T” estava com os olhos cheios de lágrimas. Quando questionada se gostaria de falar algo sobre o livro ela diz:

Eu muitas vezes também me sinto muito triste, acho que meu coração também tem muitas pintinhas e a maioria delas é muito triste. Eu queria muito que a minha mãe parasse de consumir drogas para que ela pudesse cuidar de mim e da minha irmã que está na barriga dela. Muitas vezes, tia, eu precisei carregar minha mãe, eu sempre preciso cuidar dela. Eu queria muito que a gente tivesse uma casa e que a gente fosse muito feliz. Será que um dia eu con-

sigue ter mais pontinhos felizes do que triste? (sic)

Segundo Trivellato, Carvalho e Vectore (2013), através da história a criança pode expressar suas emoções, medos e ansiedades. Ao ouvir a leitura e a conversa sobre a narração, as crianças podem fazer conexões e refletir sobre o que acontece dentro da história, relacionando-a à sua situação particular e, assim, dando sua própria organização mental para a sua experiência. O exemplo de “T” deixa claro que foi possível organizar melhor os seus sentimentos através do exemplo da personagem do livro, ela pôde refletir sobre quais eram os pontinhos no seu coração e pensar quais tipos de pontinhos gostaria de ter também.

Ainda dentro dessa temática, em um dos encontros foi trabalhado o reconhecimento das formas de emoções e sentimentos. Nesse dia, as crianças participaram da decisão de ler o livro “Assim é o



meu coração”, de Jo Witek. Nessa leitura eles puderam compreender suas emoções, como trabalhar com elas, expressá-las, conhecer as emoções do outro e usar isso tudo na prevenção de possíveis conflitos. Ao final da leitura, as crianças contaram como ficava seu coração em diferentes situações, reconhecendo seus próprios sentimentos e dos demais.

“L” é um menino bastante disperso frente a propostas de atividades, não tem paciência para finalizações e tem muito receio em falar sobre o futuro. Ele apresenta confusão entre passado, presente e futuro, não expressa sentimentos ou emoções com frequência, mas ao final dessa leitura foi o primeiro a expressar o que sentia.

Tia eu sou muito feliz aqui com todos vocês, sabia? Gosto muito dessa casa, porque a gente tem bastante brinquedos. Eu posso fazer muitos desenhos, porque quando eu crescer serei um artista. Eu só fico meio

chateado quando algum dos meus amigos vai embora. Será que eu serei o último dessa casa e ficará somente eu e a “H”? Será que seremos os dois adotados pela mesma família?

Ibarrola (2014), afirma que a contação de histórias para crianças fornece uma grande ajuda na educação das emoções e compreensão do mundo interior, por meio de uma distância confortável e segura. As literaturas infantis sobre emoções geram perguntas sobre o que sentir, como e por que sentem, abrindo caminho para poder trabalhar e canalizar as diferentes emoções. Assim, “L”, que no início do projeto apresentava bastante confusão entre presente, passado e futuro, por meio dos encontros onde havia espaço para a fala e escuta, conseguiu expressar sentimentos e emoções a respeito do seu presente e futuro. A identificação do contexto relatado no livro permitiu que ele entendesse onde estava e para onde gostaria de ir.



Segundo Winnicott (1996), quando a criança vivencia uma experiência de abandono e não tem a oportunidade de diferenciar o “eu” do “não eu”, esse desprovimento resultará em comportamentos inadequados, pois essa criança tem a tendência de buscar no exterior o equilíbrio que não teve no seu ambiente. A falta de algo considerado bom para essa criança e a escassez de oportunidades em seu ambiente para resgatar o que se perdeu são aspectos que se pode relacionar com seu mundo interno.

A criação desse espaço diferenciado para que as crianças pudessem se expressar da forma como quisessem permitiu também a criação e fortalecimento de vínculos. Semanalmente elas esperavam por esse momento dedicado inteiramente para escutar o que eles queriam falar e para construir juntos a sua história, ficando clara a apropriação de cada um deles na construção do projeto.

Por meio desse projeto foi possível que o acolhimento trabalhasse a construção de memórias positivas na vida dessas crianças.

Depois de algum tempo de trabalho na construção do álbum de cada um, foi perguntado a eles o que gostariam de fazer de diferente para que pudessem registrar nesse álbum. Assim, todos decidiram por andar de bicicleta e patins na beira da praia. Foi um dia bem divertido, de muitas risadas, abraços e com um delicioso piquenique para finalizar. No momento do registro no álbum sobre o “dia feliz” (assim denominado por eles), foi possível observar como esses pequenos momentos fazem diferença na vida e na autoestima dessas crianças. A fala de uma delas foi “*Tia, hoje foi o dia mais feliz da minha vida! O meu sonho era fazer um piquenique na praia e poder andar de patins, eu nunca vou esquecer esse dia*”.



Segundo Schmidt (2008), as emoções positivas não apenas permitem que as crianças avaliem as circunstâncias adversas de um plano mais favorável, mas também facilitam o uso de estratégias funcionais e adaptativas para enfrentá-las. A experiência das emoções positivas evita a paralisação diante das dificuldades que facilita que as crianças façam algo produtivo mesmo diante da ameaça.

Outro item importante a ser salientado é quanto ao vínculo criado com a pesquisadora que esteve presente na realização da pesquisa. As crianças chamavam-na de tia, indicando a aproximação com ela e a figura de cuidado que ela desempenhava durante os encontros do projeto. Além disso, a fala de uma delas, indicando a vivência com a pesquisadora como o melhor dia de sua vida, potencializa a relação e o momento vivido com a pesquisadora como um ícone representativo de sua maior

felicidade. Não a colocando como sua figura principal de vínculo e apego, mas como uma das muitas figuras de afeto e vínculo presentes na vida dela, as quais substituíram a figura que um dia foi representada por seu vínculo familiar diluído dentre diversas pessoas.

Uma experiência extremamente simbólica na execução do projeto ocorreu logo após o término de um encontro de elaboração do álbum. “L” sentou-se em frente a “H”, uma bebê de apenas 9 meses, abriu um livro e começou a contar-lhe uma história, afirmindo que ela também precisa ter um álbum com toda sua história de vida contada nele. Uma criança tentando ajudar a outra a recontar a sua história, apropriando-se assim da metodologia aplicada.

Nessa situação ficou evidente o desenvolvimento proporcionado a “L” que, através dos encontros do



projeto, pôde identificar a si mesmo nas histórias, pensar sobre sua história, o momento presente e seus projetos futuros, evidenciando a formação e aproximação de vínculos, de maneira a criar suas próprias respostas criativas para realizar sua luta diária.

Considerações finais

Por meio de uma percepção pessoal que esta pesquisa nasceu: a constatação de que pessoas criadas sem uma figura de referência desenvolvem maneiras diferentes de estabelecer vínculos. O que gerou uma preocupação ainda maior quanto a esse fenômeno em uma instituição de acolhimento, que é um ambiente cheio de incertezas, no qual não se sabe por quanto tempo cada criança vai permanecer e cuja permanência dos vínculos são tão instáveis.

Essa experiência interessante e enriquecedora permitiu percebermos que a leitura é uma forma de conversa, de se relacionar com o entorno, de ouvir o outro e entender o que acontece ao seu redor. Durante o projeto notou-se que as crianças têm uma grande dificuldade em expressar suas emoções e sentimentos, muitas vezes por não entenderem o porquê de estarem vivendo em uma casa que não é a sua. Porém, ao compartilhar uma história, as crianças se mostraram capazes de aprender mais sobre a vida e os sentimentos humanos.

Este projeto também permitiu observarmos que há boas chances de que as crianças acolhidas repitam a história da família caso não consigam compreender o que viveram de fato e quais foram os motivos que as fizeram estar ali. A partir desse entendimento existe a possibilidade de reconstruir um novo futuro, fazer uma nova história.



Após a início deste projeto, muita coisa mudou dentro do acolhimento. Antes, quando chegava uma nova criança, era apenas mais uma criança com uma triste história. Nos nossos encontros semanais criamos um espaço para que cada criança pudesse falar da sua própria história, o que ficava muito mais fácil para elas por meio das literaturas infantis. A partir do momento que começaram a confeccionar o álbum e a história de cada um começou a surgir, cada um deles ia se apropriando das narrativas de sua vida. As crianças foram capazes de criar vínculos com os novos acolhidos e fortalecer os vínculos com os demais. Apesar de não sabermos ainda o tamanho do impacto disso ao longo da vida dessas crianças, a manutenção dos vínculos proporcionada pela pesquisa foi uma medida capaz de prevenir agravos nos relacionamentos interpessoais durante o acolhimento.

A construção do álbum proporcionou às crianças o resgate da individualidade de cada um e a reflexão sobre suas angústias, desejos, lembranças e medos, auxiliando assim cada uma delas em um possível projeto para o futuro. Cada criança pôde dar sua própria versão dos fatos acontecidos em sua vida. Dessa maneira, começaram a ressignificar os fatos acontecidos em sua vida, enxergar potencialidades nesses fatos e se fortalecer. Muitas vezes, as histórias das crianças contadas dentro da instituição de acolhimento têm apenas as versões do poder judiciário e da família, mas com esse projeto cada uma viu ser possível empoderar-se de sua própria história. Assim, evidenciamos a importância de um acompanhamento psicológico com as crianças acolhidas que seja capaz de proporcionar o empoderamento que necessitam.

Também foi possível observar a lacuna causada pela falta de ca-



pacitação dos cuidadores em dar continuidade na construção do álbum da história de vida de cada acolhido, sendo eles aqueles que passam a maior parte do tempo com as crianças. Essa percepção indica que seria interessante uma capacitação da equipe de cuidadores para que o trabalho no serviço de acolhimento seja mais profissional, sistemático e organizado. Seria interessante que os próprios cuidadores pudessem replicar e dar continuidade ao projeto como uma maneira de compreender e acolher as necessidades das crianças que ingressam ao acolhimento.

Sugestões de pesquisas futuras incluem a realização de projetos de intervenção que objetivem a saúde mental dessas crianças durante o período de acolhimento. A capacitação de cuidadores, educadores e voluntários para

lidar com as emoções das crianças acolhidas também se faz extremamente importante. O ideal ainda seria um acompanhamento longitudinal para que sejam observados os impactos de tais medidas ao longo do desenvolvimento dessas crianças.

Por meio desse projeto e da pesquisa realizada foi possível identificar que a contação de histórias incentiva o interesse pela leitura, possibilita o resgate da história da criança, amplia seu senso de pertença, media o empoderamento de cada uma sobre sua história e, com isso, favorece sua saúde mental e o fortalecimento de vínculos durante o acolhimento, sendo esses os pontos que mais necessitam de atenção para a manutenção das necessidades desses sujeitos



Referências

- Ainsworth, M. D. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C. M. Parkes, & J. S. Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). Nova York: Basic Books.
- Ainsworth, M. D. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, pp.709-716.
- Baptista, M. (2006). Um olhar para a história. In M. V. Baptista. *Abrigo: comunidade de acolhida e socio educação* (pp. 25-37). São Paulo: Instituto Camargo Correa.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bernardi, E. B. (2012). *A Medida De Acolhimento Como Garantia Do Direito Fundamental À Convivência Familiar* (Trabalho de Conclusão de Curso). Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, RS, Brasil. Recuperado de <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/3703>
- Bettelheim, B. (2004). *Psicoanálisis de los cuentos de hadas*. Barcelona: Crítica.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: A natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1968).
- Bowlby, J. (2004). *Teoria do apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1973).
- Bowlby, J. (2006). *Cuidados maternos e saúde mental* (5a ed). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1976).
- Bowlby, J. (1982). *El vínculo del niño hacia su madre: la conducta de apego*. Madrid: Alianza universal.
- Brasil. (1990) *Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm



Brasil. (2009) *Lei Nº 12.010, de 03 de agosto de 2009.* Nova Lei Nacional da Adoção. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm

Conselho Nacional de Justiça (2019). *Cadastro nacional de crianças acolhidas – CNCA.* Recuperado de <http://www.cnj.jus.br/sistemas/infancia-e-juventude/20545-cadastro-nacional-de-criancas-acolhidas-cnca>.

Conselho Nacional do Ministério Público (2011). *Resolução 71, de 15 de junho de 2011.* Dispõe sobre a atuação dos membros do Ministério Público na defesa do direito fundamental à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes em acolhimento e dá outras providências. Recuperado de http://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Normas/Resolucoes/2013/Resolucao71_alterada_pela_Res_96_2013.pdf

Dörr, A., & Banz, C. (2010). Ventanas de oportunidades y capacidad de establecer vínculo afectivo en niños ferales v/s niños abandonados en instituciones. *Revista Gaceta de Psiquiatría Universitaria*, 6(1), pp.38-45.

Dozier, M., Stovall, K. C., Albus, K. E., & Bates, B. (2001). Attachment for infants in foster care: The role of the caregiver state of mind. *Child Development*, 5, pp.1467-1477.

Ferreira, E. O., Francischini, R., & Patiño, J. F. (2008). Crianças em situação de abrigo – casas lares: os vínculos e a composição do espaço sob o olhar das crianças. *Núcleo de estudos socioculturais da infância e adolescência*.

Gil, A. C. (1999) *Métodos e técnicas de pesquisa social.* São Paulo: Atlas.

Golin, G., & Benetti, S. P. C. (2013). Acolhimento precoce e o vínculo na institucionalização. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 29(3), pp.241-248. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n3/v29n3a01.pdf>

Hartley, Jean F. (1994) Case studies in organizational research. In Cassell, Catherine & Symon, Gillian (Ed.). *Qualitative methods in organizational research: a practical guide* (pp.208-229). London: Sage.

Ibarrola, B. (2014). *Cuentos para educar niños felices.* Ediciones SM España.

Instituto Fazendo História. (2016) *Fazendo minha história [blog].* Recuperado de <https://www.fazendohistoria.org.br/fazendo-minha-historia>

Janczura, R. (2008). *Abrigos e políticas públicas: as contradições na efetivação dos direitos da criança e do adolescente* (Tese de Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

López, A., & Palummo, J. (2013) *Internados: Las prácticas judiciales de Institucionalización por protección de niños, niñas y adolescentes en la ciudad de Montevideo”.* Montevideo: UNICEF.



México, I. (1993). *Leer de la mano; cómo y qué leerles a los que empiezan a leer*. México D.F.: SITESA.

Ministério do Desenvolvimento Social. (2015). *Serviços de acolhimento para crianças, adolescentes e jovens*. Recuperado de <http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/unidades-de-acolhimento/servicos-de-acolhimento-para-criancas-adolescentes-e-jovens>

Parreira, S. M. C. P., & Justo, J. S. (2005) A criança abrigada: considerações acerca do sentido da filiação. *Psicologia em Estudo*, 10(2), pp.175-180. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a03.pdf>

Prodanov, C. C.; Freitas, E. C. (2013). *Metodología do Trabajo Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico* (2a ed). Novo Hamburgo: FEEVALE.

Rizzini, I., & Baptista, R. (2007). *Acolhendo crianças e adolescentes: experiência de promoção de direito à convivência familiar e comunitária no Brasil*. São Paulo: Cortez.

Rizzini, I. (1997). *O século perdido*. Rio de Janeiro: Amais.

Brizuela, M. S. (2013). *Planificando la desinstitucionalización de niñas y niños menores de 3 años. Guía de aportes para la experiencia de las Instituciones de cuidado residencial*. RELAF-UNICEF.

Schmidt, C. (2008). Construcción de un cuestionario de emociones positivas en población entrerriana. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 2(26), pp. 117-139.

Silva, M. R. C., & Neto, Z. G. S. (2012). *Perspectiva psicanalítica do vínculo afetivo: O cuidador na relação com a criança em situação de acolhimento* (Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia). Instituto Luterano de Ensino Superior de Porto Velho, Porto Velho, RO, Brasil.

Simões, C. (2009). *Curso de direito do serviço social* (3a ed). São Paulo: Cortez.

Spitz, R. (1992). *El primer año de vida del niño*. Buenos Aires: Fondo De Cultura Económica.

Trivellato, A. J., Carvalho, C., & Vectore, C. (2013). Escuta afetiva: possibilidades de uso em contextos de acolhimento infantil. *Psicología Escolar e Educacional*, 17(2), pp. 299-307.

Winnicott, D. W. (1996). *Ego Integration in Child Development*.

DEMONSTRAÇÃO DE APEGO EM CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS ENTRE 3 E 8 ANOS

Zeanah, C. H., Smyke, A. T., Koga, S. F., & Carlson, E. (2007). The Bucharest Early Intervention Project Core Group. Attachment in institutionalized and community children in Romania. *Child Development*, 76(5), pp.1015-1028.

*Recebido em: 28/04/2022
Aprovado em: 19/11/2023*

